

INSÂNIA

Luciene Carvalho

© 2009. Direitos desta edição reservados para Entrelinhas Editora.

Edição e projeto gráfico Maria Teresa Carrión Carracedo
Produção gráfica Ricardo Miguel Carrión Carracedo
Chefe de Arte Helton Bastos
Ensaio fotográfico Rai Reis
Revisão Henriette Marcey Zanini
Digitação Walter Galvão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Luciene
Insânia / Luciene Carvalho. -- Cuiabá, MT :
Entrelinhas, 2009.
120 p., 20,8 cm
ISBN: 978-85-87226-86-0

1. Poesia brasileira. I. Título

09-00845

CDD 869.91

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

Impresso no Brasil

1ª edição em março de 2009 • 2.000 exemplares

Reprodução proibida

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Nenhuma parte desta edição pode ser reproduzida ou utilizada – em quaisquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia ou gravação, etc., – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem expressa autorização.

ENTRELINHAS EDITORA

Av. Senador Metello 3.773 • Jardim Cuiabá

78030-005 – Cuiabá, MT, Brasil

Distribuição e Vendas: (65) 3624 5294

www.entrelinhaseditora.com.br • e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br

INSÂNIA

Luciene Carvalho

 entrelinhas

Cuiabá, 2009



Dedico

A todos que, anônimos, por
trás do termo *louco*, levam a
vida em uma outra esfera.
Não definem leis, não
corrompem, têm poucas
escolhas. Porém, são donos de
lirismo, ludicidade e sonhos.

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, que na travessia foi me amando mais e melhor.

Tia Gonça, Marco Antônio, tia Eloíde, tia Euni, Celina, Kátia Damasceno: amor familiar indispensável.

Sônia Regina, Adriana Nascimento, Simone Mendes: obrigada pela companhia amiga.

Wagton Douglas, Diego Baraldi, Alexandre Matos, Vítor Queiroz, Zeilton Mattos: obrigada na arte e na fé.

Luiz Borges: obrigada pela inconfidência.

Eduardo Silveira: obrigada por me ensinar que a palavra *louca* pode vir envolta em aceitação, doçura e envolvimento.

Raul Lázaro: tempo breve de paixão, fé, música e loucura. Obrigada pela proteção e pela coragem.

Dr.^a Renée de Figueiredo: obrigada por unir psiquiatria e sensibilidade. Sua existência me ampara.

Maria Teresa Carracedo: colega de escola, parceira na construção da literatura do nosso tempo. Obrigada pelo convite.

Obrigada a todos, que, por descrença ou apoio, me levaram a concluir que era a hora para *Insânia*.

Que livro é este?

Insânia é o nono livro da poeta Luciene Carvalho, nascida corumbaense e renascida em Cuiabá. Mas os poemas que constituem o seu fio condutor estão entre os primeiros a jorrar. Luciene os escreveu quando estava internada e sedada, primeiro no hospital psiquiático Aduino Botelho, em 1995, logo após um surto diagnosticado como transtorno afetivo bipolar de humor. Lá permaneceu durante um mês. Escreveu poemas “sem cobertor”, conta. O vulcão entra em erupção e as primeiras lavas são derramadas.

Outras internações vieram: em 1998 e, depois, em 2000, quando escreveu o “Diário da Rocinha”. Esses dois conjuntos de poemas deram origem ao livro *Insânia*, que, em sua composição, foi recebendo outros textos. Luciene resolveu mergulhar nas profundezas da sua experiência em uma madrugada atormentada e escrever cartas à sua psiquiatra, expondo sua visão sobre a loucura, a internação, a família. Pouco tempo depois, a médica respondeu a cada uma das cartas. Também escreveu uma carta aos seus amores, mas não lhes deu direito de resposta.

Outros poemas de Luciene sobre a ‘loucura’, inéditos ou já publicados, também foram inseridos neste livro, pois fazem parte da sua história com os episódios psiquiátricos e a luta para controlá-los.

Em *Insânia*, a autora se põe inteira na própria obra. Está a serviço do tema. Luciene reviveu suas experiências despida

de todas as redes de proteção. Este livro está impregnado de Verdade. A verdade nua e crua da autora.

A obra discute a territorialidade da inconsciência, a territorialidade do humano. Vida e literatura na figura do autor, do seu cotidiano. “Estou em *Insânia* e *Insânia* está em mim”, revela Luciene ao explicar como a Literatura é um farol em sua vida. “Eu não conseguiria continuar se não tratasse do tema. A gente não se esconde da loucura! Ela não é charmosa e não é bonita de ser vista, mas eu precisava suscitar a discussão de aspectos não colocados na vitrine do que somos”, revela Luciene.

É inegável que nossa sociedade está muito doente. Os sinais espalham-se por todos os territórios do mundo, em profusão. A maioria de nós finge não ver. A depressão, um dos problemas mais recorrentes, mostra a nossa impotência em lidar com a vida e com os clamores mais profundos da alma. “Está na patologia das relações”, diz Luciene. “Os indivíduos não conseguem lidar com a desorganização do pensamento, das atitudes. Mas esta loucura não se resolve com visitas aos *shoppings*”.

A autora considera que existe uma profundidade existencial na loucura. Afinal, ela não compactua com a hipocrisia, com a corrupção.... Ela não negocia. O “louco” vive imerso na inadequação do comportamento, e precisa de um espaço subjetivo porque para ele a realidade não é suportável.

Considero muito mais do que interessante a proposição de Luciene. Ela acha que se olhássemos o mundo através da perspectiva do louco, através da sua sensibilidade, sem

tantos preconceitos, talvez pudéssemos alcançar uma nova compreensão com relação à dinâmica das nossas relações.

A autora também considera que as instituições psiquiátricas não oferecem resposta de cura, de reinserção e não propõem nenhum tipo de olhar sobre as condições geradoras da loucura. “São apenas um cercadinho de controle e sedação.”

Luciene confessa que só conseguiu ter controle sobre a ocorrência dos surtos, e eficácia na medicação que tomava, após a suspensão do uso de drogas. O seu processo foi o mesmo de todas as pessoas que precisam enfrentar o diagnóstico de doenças graves: “Primeiro, a gente nega o diagnóstico e encoleriza. Em seguida, negocia e entra em depressão. No final, aceita o diagnóstico”. Chegou a devorar, escondida e na calada da noite, os compêndios de psiquiatria do seu ex-esposo, quando ele fazia residência na USP. Quando estava no exílio – longe de Cuiabá – a poesia era a sua única companhia.

De fato, quem não explode para fora, explode para dentro! “Mas como os ‘normais’ precisam extrapolar, pagam a indústria do entretenimento para poder usufruir de uma insanidade provisória – desde que a loucura termine antes do horário de trabalho!”, opina a autora.

Vivemos uma situação limítrofe. À beira de derrames, infartos e tantas outras doenças causadas pela pressão social. Talvez o que denominamos secularmente como ‘loucura’ esteja sinalizando para a necessidade de buscar uma requalificação da vida.

A boa notícia é que a desestruturação/destruição é o primeiro estágio da gestação criativa de novos modelos. Enquanto isso, para suportar, vamos precisar de grandes doses de poesia.

Fica aqui um convite para que conheçam um pouco da menina/mulher que declama poesias desde os seus dois anos e meio de idade. Ah! Ia me esquecendo de contar: o palco é onde ela dá vida a todas as mulheres que vivem em seus poemas, com o magnetismo do seu olhar, voz e gestos. Nessa hora, as palavras saltam do papel e se transformam em sons e ritmos, por incontáveis vozes que habitam seu espaço interior. Posso lhes garantir que Luciene Carvalho é louca por poesia.

Maria Teresa Carrión Carracedo
(editora)

Quem é essa mulher?

Quem é essa mulher?
Flor bela
Florbela (Espanca)
Pequena luz
Mistério, noturno e manhã
Clarice (Lispector)
Música, ritmo e poesia
Cecília (Maireles)
Com uma sensualidade só dela
Luciene (Carvalho)

Luciene produz – produz ou liberta? – um texto encachoeirado, volumoso, cristalino, inquieto, às vezes descansando em enganosos e profundos remansos.

Lendo seus textos, impossível não sentir a comunicação existente entre todos os – solitários – lagos do mundo, as linhas de força de Gaia, o vento cigano que açoita e beija as faces de gentes de todas as terras, seu fogo de bacante e vestal.

Às vezes em voo solo e audaz, ou indicando o rumo a aves em formação.

Raras vezes em seu ninho, em paz, creia!

Ivens Cuiabano Scaff

(poemédico cuiabano – poeta-médico ou médico-poeta?)

Lucidez

A poeta de Carvalho sentou, leu Insânia e chorou lágrimas de grande pureza no quintal de sua casa, no velho Porto de entrada para a formação da centenária cidade de Cuiabá. Ao modo retumbante, rolaram lágrimas de sal, finos cristais dilacerando a tarde morna, sob frondosas mangueiras.

Versos fluídicos como vazantes do cárcere-manicômio, voos razantes, vazando pelas frestas da alma do poeta, tal qual Lautrèamont e seu ser alado, Maldoror, ao sobrevoar a paisagem devastada.

Foi como ouvir a voz dos silêncios impostos. Silêncios que buscam brechas nos corredores insanos da maldade do cárcere-manicômio. Vozes prenhes de desejos de preenchimentos. Não há vazios na existência.

As vozes de Carvalho impõem ferozes verdades.

Língua-linguagem numa poética sem surtos. Uma viagem nos corredores que nos separam como monstros num jogo cruel de espelhos.

Arte e Loucura são irmãs siamesas. Do ponto que existo vejo a loucura como iluminação irrompendo sobre toda a cegueira que veda e isola os olhares. Pretensamente higienizados, em nome de uma racionalidade imbecilizante de uma sociedade insaciável por espetáculos grosseiros e grotescos.

É preferível amordaçar os sentidos e inviabilizar possibilidades milionárias de estabelecer diálogos além-fronteiras. É mais fácil se acomodar na inércia dos falsos contornos que impossibilitam estabelecer pontes, criar conexões amorosas-sensíveis-comunicantes.

A lucidez de Luciene passeia de carona na precisão e imprecisões do espanto poético. Vejo concisão, ritmo, música, domínio de uma voz que impõe técnica e fluência, de significados certos. Essa poeta, das entranhas do Porto de Cuiabá, sabe que somos passageiros por essas paisagens ante a gula implacável do tempo. Como um farol ela ilumina a vista: O tempo não passa./ Passam as gentes/ E os povos e as eras./ Passam civilizações,/ Passam meus olhos com espanto/ Por tudo que passa ao redor/ Sou um posto de registro/ Do que existe enquanto existo.”

Insânia me deixou insone, depois de ouvir a poeta de própria voz e jeito, li, numa noite de impacto e luar de uma feroz Lilith. Tá registrado.

Cuiabá do Porto, 2009, 9 de janeiro.

eduardo ferreira
(*poetartista multimídia*)





Ingresso para Insânia	25
Cartas à Dr. ^a Renée e aos meus amores	29
Diário de uma internação	41
Além das internações	69
Poemas reeditados	79
Cartas-resposta de Dr. ^a Renée	107
Posfácio	114



Ingresso p'ra Insânia

Caro leitor,
Me armo de coragem
P'ra convidá-lo para um passo além...
Além dos versos,
além da leitura,
de alguns limites
da literatura.
É um convite p'ra cruzar fronteiras,
romper barreiras,
Vem comigo, vem!
Andei por léguas
fora de medidas.
Percorri túneis
com tão pouca luz,
o medo esteve
bem dentro, comigo,
nem sei se sigo
ou se ele me conduz.
Estive louca
– nem sei se é passado –
e ao meu lado
todos são normais...
Por vezes
penso o quanto é vã e pouca

a diferença que separa iguais.

Temo me expor,

Por isso me revelo.

Temo a tarja

e então me deixo ver.

Temo o degredo

e abro meu segredo.

Me banho em medo

para livre ser.

27.11.2008 | Cuiabá | Primavera | Lua Negra